

LUSOFONIA EM EXPANSÃO: ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)

Gabriella da Silva Araujo (IC) e Regina Helen Pires de Brito (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da análise linguística e sociocultural de um material didático de Português como Língua Estrangeiro (PLE), com o intuito de avaliar o seu possível uso por alunos e professores que não se encontram em um país ou comunidade cuja língua oficial seja a língua portuguesa. Foi determinado como alvo desta pesquisa o livro didático (LD) “Fale Português, volume 1” (2016), publicado pela Hub Editorial e escrito por Maria Harumi de Ponce, Maria Lucia Versa, Silvia Andrade Burim e Susanna Florissi. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo verificar como o uso de um livro didático de língua estrangeira bem elaborado facilita o ensino da língua-alvo e permite o acesso a informações linguístico-culturais que o aluno de língua estrangeira não teria de outra forma, por meio da apresentação de atividades e exercícios que tornam o processo de ensino/aprendizagem mais viável para professores que lecionam em comunidades e países fora de contextos lusófonos. Este processo é facilitado pelo uso de materiais digitais disponibilizados na nuvem tanto para alunos quanto professores, os quais fazem deste material um recurso especialmente importante para a divulgação da língua portuguesa às novas gerações de usuários e permite um melhor aproveitamento das aulas lecionadas em quaisquer localidades.

Palavras-chave: Lusofonia, PLE, Livro Didático

ABSTRACT

This article was developed from the linguistic and sociocultural analysis of a Portuguese as a Foreign Language (PFL) textbook, with the intent of evaluating its possible use by students and teachers who are not within a community or country in which the official language is Portuguese. As focus of the analysis, the choice was made for the textbook “Fale Português, Volume 1” (2016), published by Hub Editorial and written by Maria Harumi de Ponce, Maria Lucia Versa, Silvia Andrade Burim, and Susanna Florissi. Accordingly, the objective of this paper is to verify how the use of a well elaborated foreign language textbook facilitates the teaching of the target language and permits the student of a foreign language to have access to linguistic and cultural information to which he or she would not otherwise have, through the presentation of activities and exercises which make the teaching and learnign process more viable for teachers working within communities and countries outside of the Lusophone contexto. This process is made easier by the use of digital material, made available in cloud storage for students and teachers alike, which make this material an especially

importante resource for the spreading of the portuguese language to new generations of users and allows for the better use of classtime wherever the language is taught.

Keywords: Lusophony, Portuguese as a Foreign Language, Textbook

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de analisar uma das formas da expansão lusófona no mundo atual, tema de interesse crescente no ambiente acadêmico. Situando-se esta pesquisa no escopo dos Estudos Lusófonos, cabe explicitar que esse espaço lusófono é pensado a partir da concepção de lusofonia conforme apontada por Martins (2006, p. 56), para quem:

a lusofonia só poderá entender -se como espaço de cultura. E como espaço de cultura, a lusofonia não pode deixar de nos remeter para aquilo que podemos chamar o indicador fundamental da realidade antropológica, ou seja, para o indicador de humanização, que é o território imaginário de paisagens, tradições e língua, que da lusofonia se reclama, e que é enfim o território dos arquétipos culturais, um inconsciente colectivo lusófono, um fundo mítico de que se alimentam sonhos.

Nessa mesma perspectiva, é preciso considerar que adentrar nos estudos lusófonos significa considerar os

[...] papéis que a língua portuguesa adquire em cada contexto de sua oficialidade (refiro -me, aqui, àquela determinada historicamente pelo processo de colonização: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné -Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor -Leste - além da RAEM, Região Administrativa Especial de Macau, onde é cooficial até 2049) e nos variados espaços da diáspora – compreendendo as particularidades, validando diferenças e considerando as semelhanças que, na verdade, arquitetam uma noção de identidade na lusofonia. A esse cenário, juntamos vivências que se dão, também, em língua portuguesa. Existências que traduzimos numa perspectiva de interação, de troca, de intercâmbio cultural, de contato interpessoal, de mecanismos vários de interculturalidade, a fim de diminuir os desentendimentos entre os indivíduos e entre as diferentes culturas. Brito (2017, p. 1045).

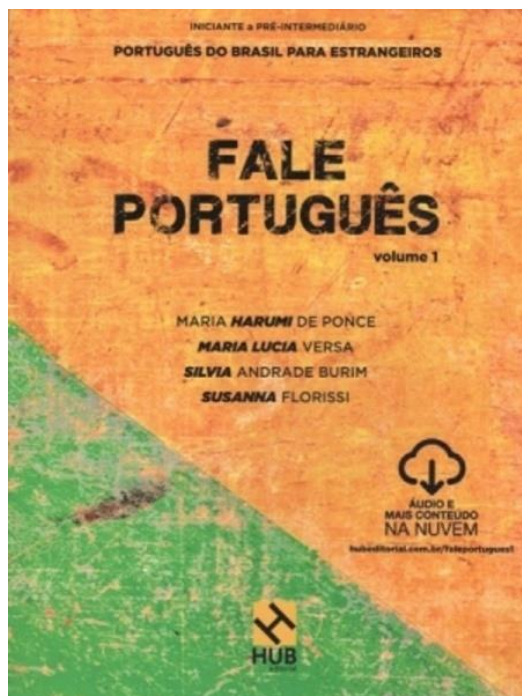
Além disso, para o escopo pretendido neste trabalho em que se analisa material utilizado para o ensino e difusão da língua portuguesa, é importante esclarecer, conforme assevera Brito (2017) a necessidade de reformulação na ideia de Lusofonia, para que seja, realmente, possível, propondo que seja construída uma “lusofonia adjetivada”:

A Lusofonia adjetivada como “viável”, como “possível”, como “admissível” deve ter sua identidade construída numa dinâmica contínua de respeito, conhecimento, reconhecimento e legitimação uns dos outros, em que vamos pincelando diferenças e afinidades. Uma Lusofonia só pode ser “legítima”, na medida em que perceba os diferentes papéis que a língua portuguesa assume em cada localidade, que se construa pela evocação de sons de sotaques vários e que, por @m, aponte para uma conceituação desvinculada de egocentrismos e/ ou desconfortos que a palavra LUSOFONIA por vezes carrega, em discursos retrógrados, por sua identificação com uma centralidade da matriz portuguesa em relação aos sete outros países da CPLP, que não faz sentido. A lusofonia “autêntica” não tem um centro, mas centros em toda a parte. (BRITO, 2017, p. 1045)

Especificamente, este trabalho de investigação volta-se para o exame de material didático produzido em países de língua portuguesa (normalmente em Portugal e no Brasil) para utilização em contextos em que o português não é oficial.

Dentre diversas possibilidades disponíveis no mercado editorial, o objeto de estudo escolhido para análise e discussão foi o livro didático intitulado “Fale Português”, de autoria das professoras Maria Harumi de Ponce, Maria Lucia Versa, Silvia Andrade Burim e Susanna Florissi, publicado em 2016, pela HUB Editora. A coleção é composta por 2 volumes, sendo analisado neste estudo apenas o volume 1, voltado para Iniciantes e Pré-intermediários.

Fig. 1 – Capa da obra Fale Português, volume 1, escolhida como corpus de análise



As quatro experientes autoras são respeitadas pelo trabalho e dedicação ao ensino de português língua estrangeira (PLE), com importantes publicações desde a década de 90 do século passado. São obras como Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação (Ponce, Burim, Florissi, 2017, 9ª edição, Hub Editorial), cuja primeira publicação foi lançada em 1999 e em seus quase 20 anos de existência obteve a marca expressiva de mais de 200 mil exemplares vendidos mundialmente¹; ou a obra Como Está O Seu Português? Gramática Para O Estudante De Português Como Língua Estrangeira (Ponce, 2014, 1ª edição, Hub Editorial); ou, ainda, a série Vamos Falar Português! 1 – Ensino de Português do Brasil como Língua de Herança (Florissi, 2014, 1ª Edição, Hub Editorial) – todas amplamente conhecidas e largamente utilizadas, no Brasil e no exterior.

¹ Dados obtidos pelo site da editora Hub Editorial, acessível em: <<http://www.hubeditorial.com.br/site/catalogo/portugues-como-lingua-estrangeira/sinopse/bem-vindo--%E2%80%93livro-do-professor/14>> Último acesso: 07 Jul. 2018.

A escolha de “Fale Português” para corpus deste estudo deu-se por ser esta a obra mais recentemente publicada pelas autoras e por, principalmente, apresentar uma proposta diferenciada no tocante à apresentação do material – enquanto o principal livro do aluno é impresso, todos os outros materiais veiculados a ele são apresentados em formato digital, acessível por uma senha web. Essa inovação metodológica pode ser um fator muito positivo, considerando, em especial, aqueles alunos que não têm acesso a falantes da língua-alvo em sua vida cotidiana. Outro fator de importância sobre matérias em nuvem é o baixo custo, oferecendo acesso garantido pela aquisição do material inicial, sem a cobrança de qualquer outra taxa adicional.

Um outro atrativo deste material de ensino é a reputação da editora responsável pela sua publicação. A Hub Editorial é uma empresa internacional reconhecida por sua qualidade superior em materiais de ensino de línguas estrangeiras, principalmente o inglês. Seu investimento no universo brasileiro de livros didáticos é recente, porém muito aguardado, pois sua presença no mercado internacional o coloca como concorrente de grandes editoras britânicas e espanholas de livros paradidáticos. Hoje, seu acervo inclui não somente os materiais didáticos de PLE, mas foi a primeira editora a publicar livros paradidáticos de leitura facilitada em português, para diversos níveis de conhecimento linguístico, todos utilizando a variedade brasileira do português e todos releituras de autores nacionais. Destacam-se entre eles A Carteira (Machado de Assis), O homem que sabia javanês (Lima Barreto) e A dança dos ossos (Bernardo Guimarães).

Por fim, “Fale Português” oferece um diferencial linguístico significativo para a difusão da cultura brasileira, pois ele trabalha específica e unicamente com a variedade brasileira do português, o qual implica que a cultura a que os alunos serão expostos será exclusivamente a brasileira, o que facilita a análise sociocultural do conteúdo. Adota-se por cultura a definição elaborada por Mendes (2015):

Entende-se por cultura a dimensão mais ampla da experiência humana, ou seja, ela é produto de tudo o que sentimos, fazemos e produzimos ao vivermos em sociedade, o que inclui as nossas crenças, tradições, práticas, artefatos [...]. (p. 94)

Essa importância à cultura é um destaque que Florissi aponta em um vídeo promocional divulgado pela editora antes do lançamento do livro, em 2016. Nele, a autora reitera ser a cultura parte integral do processo ensino/aprendizagem de qualquer Língua Estrangeira (LE), assinalando como um dos pontos altos da obra, especificamente, o fato de que o usuário nela encontra forte ligação entre língua/cultura. Este aspecto ressaltado por Florissi acaba por responder a críticas feitas a diversos materiais de PLE publicados no Brasil pela extrema falta de apresentações e de contextualizações culturais – coadunando-se à posição de Mendes (2010):

Quanto aos materiais didáticos produzidos de acordo com uma perspectiva cultural/intercultural, além de não estarem disponíveis no mercado, também não são bem recebidos por parte das editoras, que não se arriscam em publicar materiais que fujam à receita tradicional de sucesso da indústria de livros de língua estrangeira, os quais são centrados nos aspectos formais da língua e nas amostras de linguagem descontextualizadas, salvo raras exceções. (Mendes, 2010, p. 59)

Dentre todos os recursos para o processo de ensino-aprendizado, o Livro Didático (LD) foi escolhido para análise pois é o instrumento ainda mais utilizado no ensino de LE, porque, como Dias assinala, “para uma grande maioria de alunos e professores, o LD é o material essencial por meio do qual se estabelecem as interlocuções professor/aluno e o conteúdo disciplinar” (2009, p. 199). Independentemente da língua ensinada ou do espaço em que ocorrem as aulas, o LD mantém seu predomínio no espaço da sala de aula.

Para viabilizar a pesquisa, partiu-se, de início, de uma análise visual dos materiais digitais e impressos e do exame acerca da maneira que as informações (verbais e imagéticas) são disponibilizadas. Em seguida, iniciou-se um estudo das formas pelas quais as modalidades formal e informal da língua portuguesa são apresentadas no volume aqui selecionado. A partir disso, procedeu-se à análise dos tipos de atividades nele propostas, a fim de que a fixação de cada tipo de estrutura ocorresse por parte dos estudantes, verificando em que medida essas se relacionam com o uso efetivo da língua, considerando algumas das variações na norma do português brasileiro. Um levantamento também foi feito no Manual do Professor, a fim de: a) relacionar o que é proposto como aprofundamento do conteúdo do livro do aluno com o que é, de fato, apresentado no livro do aluno; b) verificar se as atividades propostas no Manual do Professor facilitam o trabalho docente quanto ao uso do material em sala de aula de português para estrangeiros.

2. “Fale Português” em análise

Antes de iniciar a análise do livro “Fale Português 1”, fez-se necessário definir alguns termos a serem utilizados. A primeira distinção a ser feita é a diferença entre aquisição e aprendizagem de uma língua. Como argumenta Krashen (2003), a primeira se dá a partir de um processo natural pelo contato com a língua alvo, geralmente o aprendiz não está ciente da aquisição dessa nova língua; a segunda é possível somente por um esforço explícito e focado em aprender uma língua.

A aquisição de uma língua é um processo do subconsciente; os que adquirem uma língua geralmente não são cientes do fato de que estão adquirindo uma língua, mas somente percebem o fato de estarem utilizando a língua para se comunicarem. [...] Outras maneiras de descrever aquisição inclui o aprendizado implícito, aprendizado informal e aprendizado natural. [...] A

segunda maneira de desenvolver competência em uma segunda língua é pelo aprendizado de línguas. (Krashen, 2003, p.1, tradução nossa.)²

Paralelamente, a distinção entre os ensinos de língua estrangeira (LE) e segunda língua (L2) também foi levada em consideração. Como descrito por Leffa (1988):

[...] temos o estudo de uma segunda língua no caso em que a língua estudada é usada fora da sala de aula da comunidade em que vive o aluno (exemplo: situação do aluno brasileiro que foi estudar francês na França). Temos língua estrangeira quando a comunidade não usa a língua estudada na sala de aula (exemplo: situação do aluno que estuda inglês no Brasil). (p. 212-213)

Assim sendo, a língua portuguesa estudada em um país ou região cuja língua local é o português e por alunos estrangeiros é classificada como português segunda língua (PL2), enquanto que a língua portuguesa estudada em uma região ou país cuja língua oficial não é a língua portuguesa é considerada simplesmente português língua estrangeira (PLE). Neste trabalho, não foram levadas em consideração outras modalidades do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, uma vez que se optou pelo exame de material que levasse em conta sua aplicabilidade em um contexto de aprendizagem fora do ambiente de oficialidade lusófona.

Outra necessidade foi a delimitação dos pré-requisitos básicos para um material de ensino de línguas estrangeiras. Alunos precisam entrar em contato com diversos aspectos da língua e a eles ser oferecida a oportunidade de utilizar várias formas de interação linguística, em contexto real, procurando uma aprendizagem completa. Dias (2009) apresenta essa proximidade com as situações cotidianas, como ponto fundamental para uma aprendizagem completa:

Tendo por base a visão sociointeracional de linguagem e de aprendizagem, os quatro conteúdos básicos (ler, escrever, ouvir e falar) devem ser explorados em situações reais de contextualização de modo que o aluno possa construir/produzir sentidos de maneira autêntica.” (p. 207)

Com esses aspectos considerados, para sua realização, esta pesquisa foi dividida em duas partes principais: 1. o estudo do material do aluno; e 2. a comparação desse material com o que é apresentado no manual do professor. Ressalte-se que o presente estudo levou em consideração o material impresso e os documentos disponibilizados em versão digital.

O acesso ao material digital é feito por um código disponibilizado no verso da capa do livro, que permite o acesso de um ano ao detentor da senha web. Enquanto isso pode não afetar todos os aspectos da aprendizagem, pois os exercícios são disponibilizados em formato PNG e facilmente arquivados pelo usuário, os áudios estão disponíveis somente online e não

² Language acquisition is a subconscious process; language acquirers are not usually aware of the fact that they are acquiring language, but are only aware of the fact that they are using the language for communication. [...] Other ways of describing acquisition include implicit learning, informal learning, and natural learning. [...] The second way to develop competence in a second language is by language learning. (KRASHEN, 2003, p.1)

há como baixá-los para um computador pessoal. Essa vida-útil de um ano é uma convenção estabelecida pelas grandes editoras internacionais, mas ela traz complicações tanto para alunos quanto para professores: este material digital deve ser utilizado dentro de um ano e após este tempo não haverá mais possibilidade de utilização dos recursos extras; a maioria dos alunos que adotarem este material deverá ser capaz de consumi-lo no período de um ano; os materiais disponibilizados na nuvem não são parte integrante do material impresso, mas surgem como um bônus acessível por um tempo determinado, se houver interesse; professores terão de 1) comprar um novo LD a cada ano para continuar com acesso aos recursos para preparo de suas aulas ou 2) depender do acesso de seus alunos para o uso desses recursos durante o preparo e a ministração de aulas.

Ao entrar com a senha na página disponibilizada no site da editora, nota-se clara preocupação em apresentar o conteúdo de forma simples, direta e acessível para todos os usuários. Há, na parte superior da página, uma lista das diferentes opções de estudo apresentada pelo material em versão digital, todas com hyperlink para que o aluno acesse. Elas são: Áudio Brasil, Áudio Completo, Leia Mais, Mais Exercícios, Mais Gramática, Manual do Professor, Pronúncia e Ortografia, Respostas aos Exercícios, Transcrição dos Áudios, Verbos e Vocabulário. Todas as categorias oferecem a mesma divisão que o material impresso e seguem o mesmo roteiro linguístico/cultural.

Mais uma vez merecem destaque os áudios neste material digital. A HUB editorial não é inovadora em apresentar os áudios de seus materiais via acesso nas nuvens, e Fale Português não é o primeiro material da editora com áudio nas nuvens, porém este material oferece um diferencial significativo para o aluno de língua estrangeira, sendo apresentado com representações de sotaques vários. O áudio é oferecido em duas variedades, ilustrando diferentes sotaques: a primeira apresenta-se na norma brasileira do português; a segunda recorre a vozes de estrangeiros com pronúncias influenciadas por diversas línguas. Esse modelo de áudio tem a possibilidade de mostrar ao aluno de língua estrangeira que não há problema na compreensão de sua pronúncia específica e que alunos de uma LE não são obrigados a apresentar uma pronúncia idêntica a um nativo dessa língua (mesmo porque é fundamental a manutenção da identidade linguística dos indivíduos). Ao mesmo tempo, a apresentação do áudio com pronúncias variáveis permite que o aluno treine a compreensão auditiva, tal qual a vivência cotidiana exigirá.

Apesar desse relevante diferencial didático, os outros recursos apresentados no site da editora não demonstram um formato inovador; por exemplo, nas páginas de gramática, vocabulário e verbos, os conteúdos são apresentados em formato de tabelas, com algumas poucas exceções na parte de vocabulário, como ilustrado nas figuras 2, 3 e 4 a seguir:

Fig. 2 – 8ª imagem de *Mais Gramática* com informações das unidades 7 e 8.

Formação do modo imperativo

No Imperativo, não existe a primeira pessoa do singular (eu). Os pronomes posicionam-se depois dos verbos conjugados.

Afirmativo

- Tu ou Vós: usa-se o verbo conjugado nas segundas pessoas do singular e plural, respectivamente, do presente do indicativo cortando-se a letra *a*.
Exemplo 1: "Corre (tu) aí!"
Exemplo 2: "Fala (vós) isto!"
- Você ou Vocês: usa-se o verbo conjugado nas terceiras pessoas do singular, em Você, e no plural, em Vocês, do presente do subjuntivo. Nunca se corta a letra "s".
Exemplo 1: "Corra (você) aí lá!"
Exemplo 2: "Falem (vocês) isso!"
- Nós: usa-se o verbo conjugado na primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo. Não se corta a letra *a*.
Exemplo: "Façamos o Bem aos outros."

U8
Se eu fosse você...

Mas / Mais

Mas – expressa ideia de oposição.
Exemplo: Canoaagem é muito emocionante, mas é muito perigoso.

Mais – expressa ideia de intensidade, quantidade. É o contrário de menos.
Exemplo: O esporte radical mais perigoso é o *Wing Walking*. Qual seria o menos perigoso?

Por que / Porque

Por que (separado)
Usa-se esta forma para fazer perguntas, ou quando puder ser substituído por "motivo" ou "razão".

Porque (junto)
Usa-se esta forma para fazer perguntas, ou quando puder ser substituído por "motivo" ou "razão".

Exemplo: Por que a propaganda é a alma de um negócio?
Porque associamos a imagem do produto à propaganda.

Fig. 3 – 16ª imagem de *Vocabulário* com informações da unidade 9.

U9
Quando vier, contarei as novidades.

Vocabulário Relevante em um Hotel

reserva	cama de solteiro
diária	cama de casal
estada	cama extra
recepção	berço
lobby	lençol
gorjeta	cobertor
quarto standard	colcha
quarto duplo	travesseiro
quarto triplo	fronha
suite	

Serviços de

- lavanderia
- quarto
- copa e cozinha
- traslado
- despertador

Profissionais de Hotelaria

- gerente
- repcionista
- telefonista
- camareira / arrumadeira
- porteiro
- ascensorista
- carregador
- manobrista
- mensageiro

Previsão do Tempo

Dia de sol, nublado, de chuva (com trovoadas e relâmpagos), de tempestade, de neblina, de cerração, de garoa, (chuva de granizo / de pedra), umidade do ar, quente, abafado, fresco, frio, etc.

Exemplo de uma Previsão do Tempo divulgado pela Mídia

Sol com muitas nuvens durante o dia. Períodos de nublado, com chuva a qualquer hora.
Sol e aumento de nuvens de manhã. Pancadas de chuva à tarde e à noite.
Nublado com chuva de manhã e temporal à tarde e à noite.
Chuvoso durante o dia e à noite.

Informações contidas nas Previsões de Tempo

Quarta-Feira, 19/03
Nascer do sol: 06h35
Pôr do sol: 18h44
Temperatura Máxima / Mínima:
Max: 26° Min: 22°
Probabilidade de Chuva de 40mm – 80%
Vento Norte a 7km/h
UR (umidade relativa do ar): 97%
Índice UV: Muito Alto

Acidentes Geográficos

lagoa / lago
mar / oceano / praia / beira-mar
monte / montanha
pântano
planalto
planície
riacho / rio
vale

Fig. 4 – 1ª imagem de Verbos com informações da unidade 1.

A cartilha de verbos intitulada 'U1 De onde você é?' apresenta uma lista de verbos organizados em tabelas. No topo, há um ícone de nuvem com uma seta apontando para baixo e o texto 'MAIS CONTEÚDO NA NUVEM'. O título principal é 'VERBOS' e o subtítulo é 'U1 De onde você é?'. A cartilha é dividida em duas seções principais: 'Verbs Regulares' e 'Verbs Irregulares'.

Verbs Regulares

A	B	C	D	E	F	G
abraçar	beijar	cantar	desejar	encontrar	falar	gostar
abrir		chamar	desligar	entregar		
aguardar		chamar-se	deixar	enviar		
almoçar		comer		escrever		
apertar		conversar		estudar		
apreciar		curtir		entender		
assistir		comprar		entrar		
atender		começar		escutar		
acordar				entrevistar		
andar						

Verbs Irregulares

J	N	O	P	R	T	V
jogar	notar	observar	praticar	receber	tirar	visitar
jantar		olhar	postar	responder	tomar	viajar

Verbs Irregulares

D	E	F	I	P	Q	S	V
dar	estar	fazer	ir	poder	querer	saber	ver
dizer				passear		ser	

As páginas são apresentadas de forma a serem utilizadas somente como recursos de referências. Na parte dedicada aos verbos, por exemplo, as 'cartilhas' de cada unidade somente apresentam uma listagem de palavras, divididas em ordem alfabética e com uma separação entre regulares e irregulares. Não há nenhuma explicação, nem sequer de qual seja a irregularidade específica de cada um dos verbos destacados; não há exemplos de uso ou de regência de algum. Essa carência de explicação de uso pragmático desses verbos faz com que essas listas tenham utilidade limitada. Apesar disso, se, por um lado, tem o aspecto positivo de levar o aluno a ter que pesquisar e a estudar mais por si mesmo a língua e seus usos; por outro lado, não apresenta um formato que desperte muita curiosidade, pois, como afirma Silva, "se o livro didático for interessante para os aprendentes ou ainda se o professor conseguir torná-lo interessante, a autonomização ocorrerá." (2009, p. 76).

Quanto à resolução das atividades, tanto de gramática quanto dos exercícios gerais, deverá o estudante responder em um caderno ou imprimir uma cópia, pois a plataforma não permite o preenchimento online (uma vez que não há aproveitamento tecnológico além do armazenamento em nuvem) e, no livro impresso, a qualidade do papel escolhido para o material impresso também não favorece a escrita (trata-se de papel couchê brilhante, em cores fortes).

O fato de o material oferecer recursos digitais com a mesma aparência de um livro físico revela que poderia haver um melhor aproveitamento do recurso oferecido pelo meio de veiculação do material. A concepção do projeto gráfico de editoração impressa e o desenvolvimento digital da plataforma criam a expectativa de modernização do material didático; porém, a execução demonstra que, de fato, não há uma utilização satisfatória dos recursos que o ciberespaço oferece, como a interatividade ou o aproveitamento de linguagens como Flash ou C++. Essas linguagens possibilitariam, por exemplo, a proposta de atividades multidimensionais e até mesmo interdisciplinares, as quais poderiam apresentar um atrativo para as novas gerações que trabalham com o mundo digital em escala cada vez maior que as gerações anteriores. O oferecimento de conteúdo digital parece ser pensado para aprendentes mais jovens que utilizam do espaço virtual normalmente. Atualmente, contudo, recursos digitais que não levarem em conta o contexto atual do uso cibernético, correm o risco de não alcançar o número de usuários cujo conteúdo didático teria a capacidade de atingir.

Como Dias (2009, pp.208-209) aponta ao analisar materiais didáticos focados em alunos em fase escolar, um material precisa ser atrativo para seus alunos, posto que, se não houver atratividade, o aluno se cansará e não terá um bom desempenho como aprendiz. Isso pode e deve ser aplicado para a criação de materiais impressos e digitais de PLE também: um aluno que não é cativado pelo trabalho gráfico do livro, ou do site que utiliza, é um aluno que terá mais facilidade em perder o interesse por aquele estudo, ainda mais se o aprendente não estiver inserido em uma comunidade de sua língua-alvo.

Ao voltarmos o olhar para o material impresso, encontra-se outro deslize gráfico. As páginas, por serem em papel couchê brilhante, como citado anteriormente, dificultam não só a visibilidade, pois refletem a luz de qualquer ambiente, mas também não permitem o uso de lápis e borracha, ferramentas imprescindíveis para os estudantes. Em uma tentativa de apresentar um visual mais chamativo e instigante aos alunos, com o recurso a fundos coloridos, que se modificam de unidade para unidade, as páginas se tornam cansativas, se focalizadas por períodos prolongados. Cabe dizer, no entanto, que o recurso das cores tem um papel identificador importante, pois as cores são iguais, capítulo a capítulo, nos materiais impresso e digital, auxiliando alunos e professores a manterem-se alinhados a uma dada unidade de estudo.

Com referência às unidades de estudo, estas são divididas tematicamente, apresentando grau de dificuldade crescente ao longo do LD. A questão que se coloca neste ponto seria: qual o padrão de dificuldade e nivelamento utilizado? O livro é auto nivelado 'Iniciante e Pré-Intermediário', porém não menciona qual o parâmetro utilizado para ser designado como tal. Esse questionamento é feito, pois as atividades propostas logo no início do material requerem do aluno iniciante uma capacidade linguística mais avançada que o

termo 'iniciante' propõe. Por exemplo, na segunda página da primeira unidade, após demonstrar algumas formas diferentes de perguntar informações básicas sobre alguma pessoa, propõe-se que se escreva um parágrafo sobre um colega de sala que o aluno deverá ter entrevistado.

Em compensação, ao apresentar os pronomes pessoais, não são apresentadas as formas "TU" e "VÓS" para referir-se à segunda pessoa do singular e do plural, apontando-se o uso dos pronomes de tratamento "VOCÊ" e "VOCÊS" - formas de uso consagrado, especialmente na modalidade oral, do português brasileiro. Melhor? Além disso, demonstra em todo o material as formas em que os pronomes podem ser omitidos ao falar uma frase, demonstrando um uso linguístico mais coloquial. De fato, a obra apresenta também algumas formas alternativas para certas conjugações, como, por exemplo, na página 80 ao destacar o uso do futuro do pretérito, apontando que no uso da terceira pessoa do plural existem duas possibilidades de conjugação: iríamos (convencional) e íamos (coloquial). Essa apresentação diferenciada é um destaque dos ideais discursados pela pesquisadora Dell'Isola quando trata dos diferentes tipos de texto a que o aluno de PLE deveria ser exposto. A autora lembra que "seria muito útil que ele entrasse em contato com o texto que (...) é um produto social pertencente a determinados e diferentes domínios discursivos." (2009, p. 101)

Essa apresentação das formas coloquiais são verdadeiros destaques para um material que se diz interessado em apresentar a cultura brasileira junto à língua. É sempre importante lembrar que quando se trata de língua e cultura, "a cultura não está antes nem depois da língua, nem uma dentro da outra, elas estão no mesmo lugar." (Mendes, 2015, p. 87)

O texto é permeado de fatos culturais de todo o país. Esse conteúdo cultural é o mais precioso deste material, pois ele é o que auxilia o LD apresentar atividades diversas e textos que interlaçam a gramática tradicional. As unidades todas possuem textos adaptados de diversas páginas da internet de jornais e institutos de pesquisa, entre outros, dos mais diversos assuntos relacionados ao Brasil e aos brasileiros: a felicidade do nordestino; o natal em gramado, festas juninas, as belezas naturais do maranhão, entre muitas outras. Os alunos são apresentados um Brasil bonito e diversificado ao aprender as formas diferentes de comunicação e escutar os sotaques do país.

Enquanto não há aspectos inovadores nas próprias atividades de fixação, existe uma variedade imensa das mesmas. Essa possibilidade de conectar a língua ao povo que a fala é o que torna este material prazeroso e demonstra um cuidado com as diferentes formas de aprendizagem que existe. Dentre materiais didáticos diversos, é possível encontrar atividades semelhantes, mas o uso aqui é interessante, pois traz a cultura não somente da língua-alvo, mas a do próprio aluno muitas vezes. Dois tipos de atividades utilizadas pelo livro que

merecem destaque são: as entrevistas propostas entre os grupos de alunos e as propostas de textos para serem redigidos.

A primeira apresenta aos alunos oportunidades de vivenciar a língua entre si, para que possam brincar com os conceitos e as expressões novas. Em um ambiente de aprendizagem isso é importantíssimo para que haja uma compreensão e internalização das novas estruturas e informações. O aluno que não tem acesso a falantes nativos da língua-alvo em seu dia a dia precisa de momentos durante as aulas para que possa experimentar diferentes situações nessa língua. O LD bem preparado precisa apresentar oportunidades para essa experimentação, bem como aponta Dell'Isola (2009):

Por isso, é importante que esse material ofereça plenas condições para o aprendizado da língua alvo por meio de atividades que viabilizem a construção de sentido de modo que o aluno possa se familiarizar com textos que circulam em diversos cenários onde essa língua é falada e possa explorá-las. (p. 102)

A segunda, os textos a serem escritos pelos alunos, é outra forma que possibilita a utilização da língua-alvo em situação verossímil. Uma unidade que se destaca em uso de gêneros textuais diferentes para praticar sentidos e situações reais é a unidade 4, que apresenta exemplos e logo pede para o aluno reproduzir suas próprias resenhas de filmes e trechos de diários. Um trabalho voltado para o uso de “gêneros textuais certamente favorece o desenvolvimento de habilidades de leitura, compreensão auditiva e produção de textos orais e escritos na língua alvo.” (Dell'Isola, 2009, pp. 99-100)

O último passo da pesquisa foi fazer breve análise do manual do professor, neste caso, acessível unicamente pelo endereço digital da editora HUB. Diferentemente de todos os outros materiais disponíveis no mesmo endereço, o manual do professor é o único documento sem restrição de acesso. Qualquer pessoa que acessar o site da editora a ele terá acesso, sem a necessidade de uma senha específica.

Para este olhar analítico, recorreu-se às ideias de Dias (2009), que pressupõem que um adequado material para professores deve apresentar não somente uma listagem de respostas para o livro do aluno, mas também deve conter um auxílio o mais completo possível para o preparo das aulas:

Em relação a este recurso didático indispensável, o professor de LE deve analisar se ele apresenta de maneira clara a fundamentação teórico-metodológica na qual se apoiam as atividades propostas para o processo de aprendizagem. A visão de linguagem e a de aprendizagem devem estar explicitadas com clareza, assim como os objetivos do LD como um todo e os de suas unidades e/ou módulos. O princípio organizador do LD deve estar claramente explicado, assim como os eixos articuladores das várias unidades e/ou módulos (por temas, gêneros ou projetos educacionais, por exemplo). Deve também verificar se há uma relação de coerência entre a fundamentação apresentada e as atividades de aprendizagem e os projetos educacionais propostos para o ensino. O Manual do Professor deve também

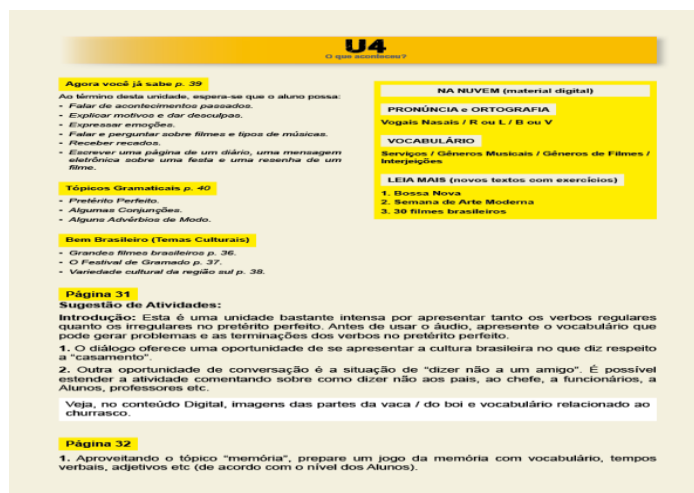
trazer sugestões de como trabalhar as várias atividades, não se limitando a ser um banco de respostas certas. (pp. 220-221)

Tendo em vista que este LD foi analisado com uma perspectiva do possível uso por alunos e professores que não desfrutam de um convívio em comunidade de língua portuguesa, notou-se a necessidade de que o manual do professor oferecesse mais elementos, mais detalhes, para auxiliar o trabalho docente. Não se trata de questão de remover as possibilidades didáticas individuais que um professor teria em cada aula, mas sim de abrir um leque de diferentes sugestões e caminhos para a aplicação de um mesmo roteiro, já que cada LD é pensado e elaborado com estratégias de ensino específicas. Almeida Filho (2013) ressalta a importância de escrever um manual para professores que auxilie, de fato, no preparo de suas aulas:

Dizemos que uma das quatro materialidades do ensino de línguas é 'escrever materiais' ou 'adotar' materiais prontos para o ensino. Escrever sugere elaborar conscientemente e com autoria um roteiro por escrito do que deve ser feito pelos professores investidos da função de dar vida a atividades ou experiências na língua-alvo desejada pelos aprendentes nos grupos formados em classes coletivas ou em aulas particulares. (p. 14)

A partir dessa perspectiva, realizou-se um levantamento das informações apresentadas nestas páginas dedicadas aos professores usuários do LD, material disponibilizado junto a outros recursos apresentados com a senha web (apesar de, como mencionado, ser acessível também sem essa senha). Da mesma forma que os recursos para as aulas, o manual do professor é composto por imagens no formato PNG, que podem ser arquivadas para uso offline. O manual oferece a mesma organização de unidades, fazendo uso dos mesmos recursos gráficos encontrados no do aluno. No início de cada unidade são apresentadas quatro categorias de resumos: Agora você já sabe, Tópicos Gramaticais, Bem Brasileiro (Temas Culturais), Na Nuvem (material digital). As primeiras três listas estão escritas em letras pequenas e em itálico, dificultando a leitura e compreensão do texto, como abaixo:

Fig. 5 – 8ª imagem do Manual do Professor com informações da unidade 4



Após os resumos, há uma série de sugestões visando ao melhor aproveitamento das aulas. A divisão adotada para facilitar a integração do manual do professor é simples: as páginas do LD. Cada seção de sugestões e explicações é colocada abaixo de uma sinalização da página, ou páginas, a qual se refere. Assim sendo, não há informações para cada um dos exercícios e atividades apresentados no livro do aluno.

Este não é um material que traga respostas para o livro do aluno, pois todas as respostas estão disponibilizadas no próprio site em uma outra aba. Isso é um fator interessante, pois demonstra uma visão de que o professor não é detentor somente de respostas certas, mas ajuda criar a visão de um professor facilitador de aprendizagem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vontade de aprender outra língua está, naturalmente, conectada à vontade de se comunicar por meio dela e de seus recursos. Não há comunicação sem indivíduos e sem interação social e é imprescindível que isso seja levado em consideração quando se projeta o ambiente para ensino de PLE. Desse modo, para que um aluno aprenda a utilizar a língua, é sempre necessário que ele tenha um espaço controlado para que possa praticá-la com correção nos devidos momentos e com a consciência da adequação linguística, que só o uso contextual oferece. Por isso, a criação de materiais didáticos cada vez mais bem elaborados se faz necessário. Bem como aponta Dell'Isola (2009):

A vida social contemporânea requer que as pessoas desenvolvam habilidades comunicativas que as capacitem a interagir de maneira crítica e participativa no mundo. (...) Para o desenvolvimento dessas habilidades, reconhecemos a necessidade de investir em perspectivas educacionais relativas à linguagem e ao seu uso em uma variedade de contextos específicos.” (p. 99)

A elaboração de material didático precisa levar em conta as formas diferentes de interação e de uso da língua-alvo, proporcionando, por exemplo, a realização de exercícios e de atividades que possibilitem o aprimoramento do uso linguístico dos indivíduos em situações concretas. Materiais didáticos não são capazes de oferecer uma vivência real de aplicação de uma língua; entretanto, devem procurar o máximo de aproximação com situações cotidianas e verossímeis, que os usuários enfrentariam com essa nova língua. Nas palavras de Moura (2010):

Se compreendido e utilizado adequadamente, o livro apresenta uma ferramenta de apoio, uma base tanto para o aluno quanto para o professor. Daí a importância de haver livros cada vez mais condizentes com o público a que se destinam. (p. 161)

Pela perspectiva de um aluno que nunca vivenciou a língua portuguesa em seu dia a dia, que não tem acesso fácil a informações de cultura estrangeira, este LD traz uma

abordagem viável para seu bom aproveitamento, reforçando a afirmação de que não é suficiente trazer informações linguísticas única e exclusivamente, pois os alunos precisam ser expostos às culturas integrantes dessa língua cujo uso é tão almejado.

A presença de conteúdo bem elaborado em um LD não isenta – e nem substitui – a necessidade do professor de LE de seu trabalho de prática docente consciente e preocupado com o processo de ensino-aprendizagem. Como aponta Paiva (2009), “espera-se, também, que o professor seja capaz de adaptar e complementar o livro adotado e, até mesmo, de produzir material didático para seu contexto específico.” (p. 53) Todo professor precisa recorrer aos materiais disponíveis ao seu alcance, pois a gama de possibilidades oferecidas pela internet permite criar um acervo linguístico-cultural que beneficiará não somente a seus alunos, mas a ele próprio também. No entanto, o professor deve revestir-se de autonomia docente (na linha do que propõe Paulo Freire), atuando como verdadeiro agente de transformação. Para isso, deve ter consciência da importância do seu papel como mediador do processo de ensino-aprendizagem, não sendo refém de materiais prontos, mas deles partindo para uma utilização contextualizada e eficiente. Como assinala Paiva (2005) a respeito do trabalho docente:

[...] ser autônomo é, entre outras coisas, buscar melhorar seus conhecimentos por conta própria; ser curioso, sempre se atualizando; buscar alternativas para sua sala de aula; desenvolver seu próprio material; ser capaz de tomar decisões perante o ensino de sua área e não ficar preso ao livro; decidir o que e como fazer; e utilizar recursos para desenvolver tanto o próprio conhecimento quanto o do aluno.” (Paiva, 2005, pp. 7-8)

Não existe um material perfeito para todo aluno nem para toda a situação de ensino-aprendizagem, mas existem materiais mais apropriados para que esse processo tenha mais chances de ser efetivo. A apresentação de situações reais, de exemplos coloquiais e usuais da língua, de exercícios que trabalhem com diferentes tipos de aprendizagem e a presença constante de referências culturais torna um material de ensino de Língua Estrangeira não somente mais prazeroso para o aprendente, mas faz dele um material que tenha mais sucesso em sua proposta. Fale Português pode, nesta edição, ainda não explorar todas as possibilidades que uma plataforma cibernética pode oferecer num trabalho conjugado com o seu material impresso; no entanto, a concepção metodológica e pedagógica da obra ganha na qualidade conteudística, fazendo muito bom proveito de informações socioculturais para criar um panorama da língua portuguesa que facilita e enriquece o processo de ensino-aprendizagem.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Codificar conteúdos, processo, e reflexão formadora no material didático para ensino e aprendizagem de línguas. In: PEREIRA, A. L. (Org); GOTTHEIM, L. (Org.). *Materiais didáticos para ensino de língua estrangeira: Processos de criação e contexto de uso*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. P. 13-28

BRITO, R. P. de. Entre vivências e estudos: por uma lusofonia viável. In: FERREIRA, A.M. et al. (Orgs.) *Pelos mares da língua portuguesa 3*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2017, p. 1043-1052.

DELL'ISOLA, R. L. P. Gêneros textuais em livros didáticos de português língua estrangeira: o que falta? In: DIAS, R. (Org.); CRISTÓVÃO, V. L. L. (Org). *O Livro Didático de Língua Estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. P. 99-120.

DIAS, R. Critérios para a avaliação do livro didático (LD) de língua estrangeira (LE). In: DIAS, R. (Org.); CRISTÓVÃO, V. L. L. (Org). *O Livro Didático de Língua Estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 199-234.

A ELABORAÇÃO DE “FALE PORTUGUÊS”, NOVO LANÇAMENTO DA HUB EDITORIAL. São Paulo: Hub Editorial, 2016. Online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FgADrk2aZ4U&t=659s>>

KRASHEN, S. D. *Explorations in Language Acquisition and the Use*. Portsmouth, NH: Heinemann, 2003.

LEFFA, V. J. Metodologia de ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1988. p. 211-236.

MARTINS, M. L. (2006). Lusofonia e luso -tropicalismo, equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. In: N. Bastos (Org.) *Língua portuguesa: reflexões lusófonas* (pp. 49 -62). São Paulo: EDUC, 2006. p. 49-62.

MENDES, E. Por que ensinar língua como cultura? In: SANTOS, P. & ALVAREZ, M. L. O. (Orgs). *Língua e Cultura: No contexto de Português Língua Estrangeira*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

_____. Ensino e formação de professores de português como língua de herança (PLH): Revisitando ideias, projetando ações. In: CHULATA, K. de A. (Org.) *Português como Língua de Herança: Discursos e Percursos*. Itália: Pensa MultiMedia Editore, 2015. p. 79-100.

MOURA, R. P. de. O lugar da cultura em livros didáticos de Português como segunda língua. In: SANTOS, P. & ALVAREZ, M. L. O. (Orgs). *Língua e Cultura: No contexto de Português Língua Estrangeira*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PAIVA, V. L. M. de O. (Org.) *Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

_____. História do Material Didático. In: DIAS, R. (Org.); CRISTÓVÃO, V. L. L. (Org). *O Livro Didático de Língua Estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. P.17-56.

PONCE, M. H. de; VERSA, M.L.; BURIM, S. A. & FLORISSI, S. *Fale Português: Volume 1*. São Paulo Hub Editorial, 2016.

_____. *Fale Português: Volume 1 (Manual do Professor)*. São Paulo Hub Editorial, 2016. Disponível em: <<http://www.hubeditorial.com.br/faleportugues1/index.php?op=12>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

SILVA, W. M. Livros Didáticos: Fomentadores ou inibidores da autonomização. In: DIAS, R. (Org.); CRISTÓVÃO, V. L. L. (Org). *O Livro Didático de Língua Estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. P. 57-78.

Contatos: araujo.g@live.com e rhbrito@mackenzie.br